

HRJ

v.3 n.14 (2022)

Recebido: 05/11/2021

Aceito: 02/12/2021

A atuação do enfermeiro nas práticas integrativas e complementares: uma revisão integrativa

Keren Nubia Leite Pereira¹
Margani Cadore Weis Maia²
Rebeca Félix Cunha Guimarães³
Jacqueline Ramos de Andrade Antunes Gomes⁴

¹Enfermeira pela Universidade Federal de Mato Grosso. Residente do Programa de Residência Uniprofissional de Enfermagem em Centro Cirúrgico da Escola Superior de Ciências da Saúde ESCS/FEPECS/SES-DF

² Enfermeira. Mestre em Enfermagem. Professora Assistente da Universidade Federal de Mato Grosso. Cuiabá, Mato Grosso, Brasil. <https://orcid.org/0000-0002-5214-5960>.

³Enfermeira pela Universidade Federal de Mato Grosso. Residente de Enfermagem em Centro Cirúrgico pela ESCS/FEPECS/SES-DF

⁴Doutora em Ciências da Saúde/UnB. Coordenadora do Programa de Residência Uniprofissional de Enfermagem em Centro Cirúrgico da Escola Superior de Ciências da Saúde ESCS/FEPECS/SES-DF

RESUMO

Objetivo: Identificar, por meio de busca na literatura nacional e internacional, quais as Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PICS) o enfermeiro está utilizando no cuidado, já que no Brasil o Conselho Federal de Enfermagem (COFEN), regulamenta como especialidade e/ou qualificação profissional em terapias alternativas. **Metodologia:** Trata-se de uma revisão integrativa de literatura. A busca deu-se nas bases de dados BDENF, LILACS, MEDLINE e CINAHL. **Resultados:** A amostra final foi composta de 26 textos. Entre os 12 países nos quais foram publicados os estudos, os Estados Unidos da América e o Brasil se destacam em número de publicações. **Discussões:** Dentre as PICS encontradas, a Medicina tradicional chinesa (MTC) se destaca, entretanto, ainda há pouca exploração das 12 terapias aprovadas e reconhecidas pelo COFEN. Ademais, é necessário conhecimento suficiente para o exercício de qualquer cuidado de enfermagem e isto é inerente ao profissional que deve se aprimorar constantemente. **Conclusão:** A autonomia do enfermeiro vem sendo ampliada com respaldo do COFEN e comprovada, conforme estudos desta revisão que evidenciam enfermeiros utilizando as PICS. Porém, ainda há muito espaço a ser ocupado pela enfermagem o qual cada vez mais deve apoderar-se de conhecimentos elementares. **Palavras-chave:** enfermagem terapias complementares; medicina tradicional; terapia mente-corpo.

The role of nurses in integrative and complementary practices: na integrative review

ABSTRACT

Objective: To identify, through a search in national and international literature, which Integrative and Complementary Practices in Health (PICS) the nurse is using in care, since in Brazil the Federal Council of Nursing (COFEN) regulates as a specialty and/ or professional qualification in alternative therapies. **Methodology:** This is an integrative literature review. The search took place in the BDENF, LILACS, MEDLINE and CINAHL databases. **Results:** The final sample consisted of 26 texts. Among the 12 countries in which the studies were

published, the United States of America and Brazil stand out in number of publications. **Discussions:** Among the PICS found, Traditional Chinese Medicine (TCM) stands out, however, there is still little exploration of the 12 therapies approved and recognized by COFEN. Furthermore, sufficient knowledge is needed to exercise any nursing care and this is inherent to the professional who must constantly improve. **Conclusion:** The autonomy of nurses has been expanded with the support of COFEN and proven, according to studies in this review that show nurses using the PICS. However, there is still a lot of space to be occupied by nursing, which must increasingly acquire elementary knowledge.

Key words: nursing complementary therapies; traditional medicine; mind-body therapy.

INTRODUÇÃO

As Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PICS) abarcam sistemas médicos complexos e recursos terapêuticos, sendo também designado pela Organização Mundial de Saúde (OMS) de medicina tradicional e complementar/alternativa (MT/MCA) e, visam assistência à saúde, da prevenção ao tratamento^{1, 2}. Além disso, promovem um enfoque holístico e o cuidado global ao ser humano, opondo-se ao modelo biomédico de fragmentação do corpo e sujeito, buscando um olhar ampliado que envolva a questão biológica, sociocultural, psicológica e, também, espiritual, seja individualmente ou no coletivo³.

Dessa forma, a MCA destaca-se no Brasil devido à riqueza da biodiversidade, conhecimento tradicional sobre as plantas medicinais, diversidade étnica, cultural e potencialidade para estudos no país. Então, ao final da década de 1970 a OMS, por meio do programa Medicina Tradicional, recomendou que os estados-membros desenvolvessem políticas a fim de auxiliar o desenvolvimento de a medicina complementar alternativa nos sistemas de saúde e reforçou em 1991 a importância desta para a população carente, pois o uso de remédios naturais comprovados cientificamente reduziria os gastos com medicamentos industrializados⁴.

No ano de 2006 no Brasil, surge a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPICS) no Sistema Único de Saúde (SUS)⁴ e sua atualização, em 2018, trouxe novos objetivos, sendo incorporá-la e implementá-la no SUS, com vistas à prevenção

de agravos, promoção e recuperação da saúde, contribuindo para o poder de resolução do sistema e aumentando o acesso a essas políticas, “promovendo o envolvimento responsável e continuado dos usuários, gestores e trabalhadores nas diferentes instâncias de efetivação das políticas de saúde”^{5, 6}.

Sendo assim, em consonância com a PNPICS, o Conselho Federal de Enfermagem (COFEN), pela resolução 197/1997, regulamenta como especialidade e/ou qualificação profissional em terapias alternativas, e ainda tem aprovada a lista de especialidades^{7, 8}.

Dessa forma, o presente estudo foi desenvolvido por meio de busca na literatura nacional e internacional, com intuito de colaborar com o crescimento e exploração científica de uma área que pode promover grande autonomia ao enfermeiro. E para melhor conhecer as atividades que já vem sendo desenvolvidas, levantamos um questionamento em busca de elucidar e identificar as PICS utilizadas nos mais diferentes países/culturas, tendo como alvo a atuação da equipe de enfermagem no emprego das terapias como instrumento em benefício do cuidado.

METODOLOGIA

A realização da pesquisa se deu por meio de revisão integrativa da literatura (RIL), método responsável por reunir e sintetizar os resultados de estudos primários relacionados a um determinado tema⁹. SOARES *et al* (2014) ainda destaca que além destes fatores a enfermagem na última década vem utilizando a RIL como estratégia útil para responder as necessidades de pesquisa da área de saúde, reconhecendo que o cuidado requer conhecimento de várias disciplinas¹⁰.

Dessa forma, o estudo investigou quais PICS o enfermeiro tem utilizado no desenvolvimento do cuidado, por meio dos seguintes passos para elaboração: construção da pergunta norteadora; estabelecimento de critérios para inclusão e exclusão de estudos;

definição das informações a serem retiradas do estudo; avaliação dos estudos incluídos; interpretação dos resultados; e apresentação da revisão⁹.

Como orientado por HO GJ, *et al* (apud MENDES; SILVEIRA; GALVÃO, 2019, p.4), uma pergunta norteadora foi construída a fim de identificar os descritores, buscar estudos primários e, por conseguinte, construir a estratégia de busca⁹. Sendo assim, para nortear a busca literária, elaborou-se a pergunta norteadora baseada nos acrônimos PICO, composta de: Participante/população, Interesse e Contexto (JBI, 2014 apud CARDOSO, et al 2019)¹¹. Sendo esta: “quais terapias complementares o enfermeiro está utilizando no cuidado?”.

Em setembro de 2019, foi realizada busca online de estudos indexados em bases de dados bem-conceituadas com acesso à informação técnico-científico em saúde, à saber: Bases de Dados de Enfermagem (BDENF), Literatura Latino Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), e Medical Literature Analysis and Retrieval System Online (MEDLINE) por meio de acesso a Biblioteca virtual em saúde (BVS). Além da Cumulative Index to Nursing and Allied Health Literature (CINAHL).

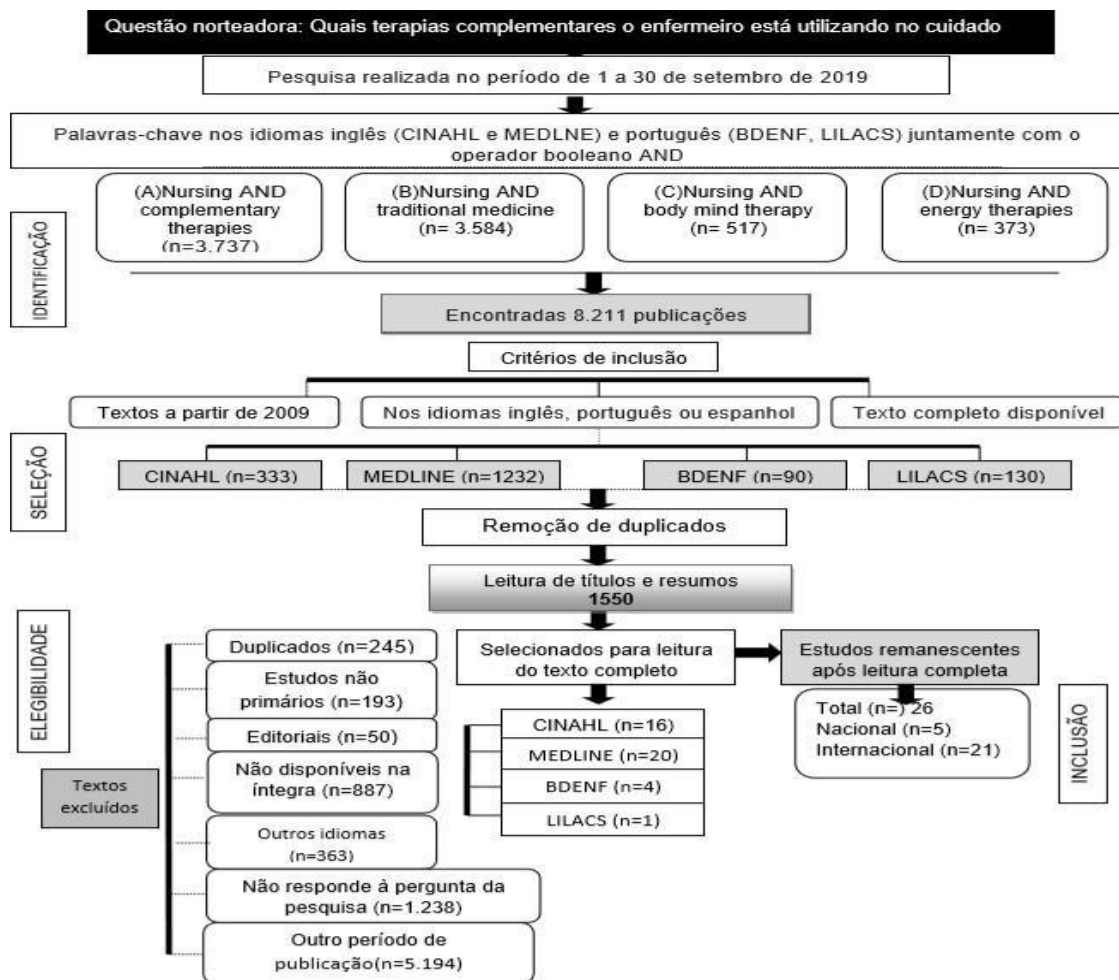
A pesquisa utilizou a combinação da palavra-chave enfermeiro com o operador booleano AND seguido de cada um dos seguintes descritores em saúde, segundo Descritores em Ciências da Saúde (DECS): terapias complementares, medicina tradicional, terapia mente-corpo. O mesmo procedimento foi executado na língua inglesa, com emprego da palavra-chave Nursing combinado com o respectivo Medical Subject Heading (MeSH).

Além disso, foram empregados critérios de inclusão para seleção, sendo eles: textos a partir de 2009, textos completos e disponíveis; nos idiomas português, inglês e espanhol, teses, dissertações, e textos primários. Após isso, os títulos e resumos foram lidos e, posteriormente, selecionados os textos que respondem a pergunta de pesquisa. A amostra final

é composta após a exclusão de: trabalhos duplicados, revisões de literatura, editoriais e trabalhos que não atendiam aos critérios de inclusão.

Ainda que a pesquisa se configure como revisão integrativa da literatura, com o intuito de assegurar maior confiabilidade, a construção do fluxograma de seleção dos textos será de acordo com as recomendações do PRISMA (Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses), o qual terá os itens específicos de revisões sistemáticas suprimidas¹². Sendo assim, o fluxograma 1, traz as etapas da revisão integrativa da literatura em forma de PRISMA.

Fluxograma 1- PRISMA



Fonte: adaptado de MENDES; SILVEIRA; GALVÃO, 2019⁹.

Após a seleção dos textos, os elementos extraídos foram sistematizados em uma tabela e, por fim, os dados sofreram agrupamento temático, de acordo com a pergunta norteadora mostrado na tabela 1.

RESULTADOS

Tabela 1 – Frequência em que as PICS são mencionadas nos 26 textos incluídos neste estudo.

Terapias	n	%
Medicina tradicional	20	76,92
Chinesa (MTC)		
Massoterapia	17	61,53
Plantas medicinais	15	57,69
Imposição de mãos	13	50,00
Suplementos alimentares	13	50,0
Aromaterapia	11	42,30
Quiropraxia	11	42,30
Yoga	10	38,46
Hipnoterapia	9	34,61
Musicoterapia	9	34,61
Meditação	7	26,92
Reflexologia	7	26,92
Tratamento espiritual	8	30,76
Relaxamento	8	30,76
Biofeedback	5	19,23
Magnetoterapia	5	19,23
Arte terapia	4	15,38
Naturopatia	4	15,38
Osteopatia	4	15,38
Terapia animal	4	15,38
Ayurveda	3	11,53
Fitoterapia	3	11,53
Termalismo	3	11,53
Iridologia	2	7,69
Hidroterapia/ crenoterapia	2	7,69
Hidrocólonterapia	2	7,69
Yoga/meditação	1	3,84
Cristaloterapia	1	3,84
Terapia foloral	1	3,84
Antropofosia	1	3,84
Outras	21	
Total *	224	

*Os estudos apresentam mais de uma PICS

Fonte: PEREIRA, K. N. L.; MAIA, M. C. W.; GUIMARÃES, R. F. C., 2020.

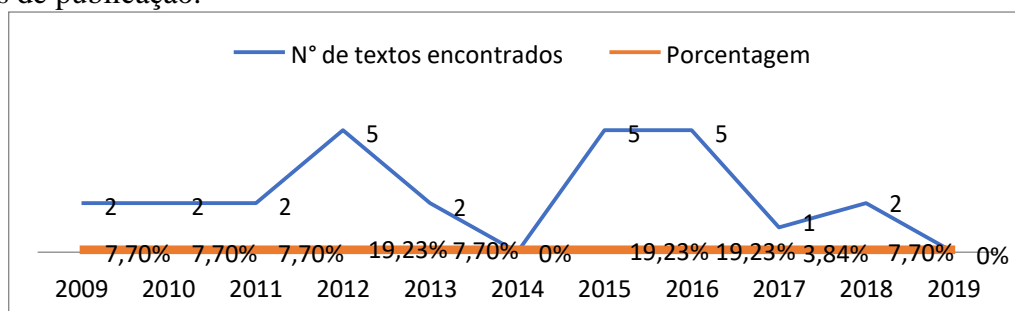
Além das PICS nomeadas na tabela acima, vinte e uma (21) foram categorizadas como “outras”, pois estas não fazem parte dos grupos de práticas vigentes na PNPIC, ainda,

acrescido do fato de terem sido mencionadas em cada estudo, apenas uma vez, sendo elas Exercícios, Cura, Diário, Dieta modificada, Educação básica para o autocuidado, Energia Senna, Escuta profunda, Espinhal, Grupos de suporte, Medicamento comportamental, Medicina Tradicional Mexicana, Mente-corpo, Movimento, Nutrição educacional, Oxigênio terapia, Terapia de dança, Terapia de luz e Terapias criativas.

A saber, o principal nível de atenção encontrado as PICS, foi na atenção hospitalar^{13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20}. Assim como, em escolas de enfermagem, unidades básicas^{21, 22} e, em centro de reabilitação^{23, 24}.

Ademais, destaca-se que os anos de 2012 e 2015 foram os mais frequentes em publicações, a princípio, justifica-se essa maior proporção pela influência dos países que realizaram a pesquisa no âmbito global, possibilitando ser referência em relação a outros países. Além de que todas as publicações buscam promover acesso, exemplificar e demonstrar na prática quais os impactos e as formas de se desenvolver as PICS de acordo com a cultura, as necessidades e, sempre visando promover um impacto positivo na saúde²⁵. O gráfico 1 apresenta essa proporção de publicações de acordo com o ano.

Gráfico 1- Número da amostra final dos textos selecionados e sua distribuição de acordo com os anos de publicação.



Em relação às bases de dados foram encontrados os estudos de acordo com a Tabela 2, representando 12 artigos na CINAHL, 10 artigos na MEDLINE, 3 artigos na BDNF e, 1 artigo na LILACS.

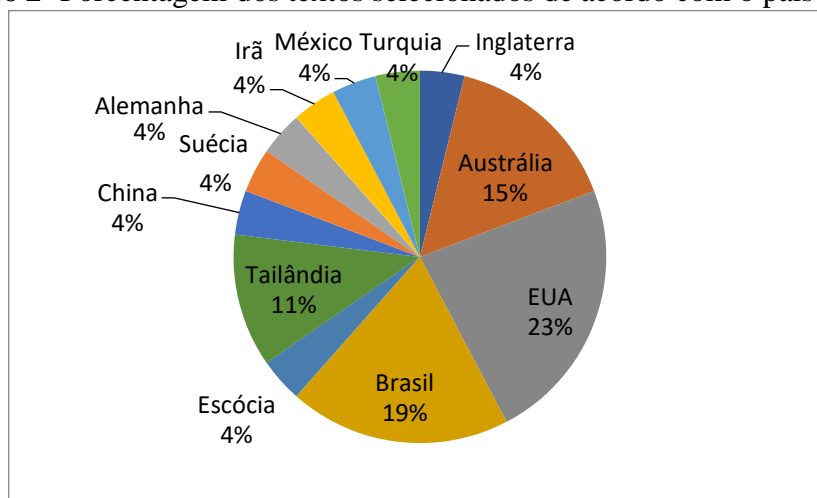
Tabela 2- Amostra encontrada de acordo com o ano de publicação, base de dado no qual foi publicada e, porcentagem dos estudos selecionados.

Bases de dados	Ano											%
	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019	
BDENF	-	-	1	-	-	-	-	1	-	1	-	12
CINAHL	1	1	-	5	1	-	2	2	-	-	-	46
LILACS	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	4
MEDLINE	1	1	1	-	1	-	2	2	1	1	-	38

Fonte: PEREIRA, K. N. L.; MAIA, M. C. W.; GUIMARÃES, R. F. C., 2020.

No que tange o local dos estudos, os Estados Unidos da América (EUA) e o Brasil são os países com maior número de publicações, sendo estes 6 artigos e 5 artigos respectivamente, seguido da Austrália 4, Tailândia 3, da Escócia, Turquia, Irã, Inglaterra, Suécia, China, México e Alemanha com apenas 1 estudo cada país, dados apresentados no gráfico 2.

Gráfico 2- Porcentagem dos textos selecionados de acordo com o país de publicação.



O destaque dos EUA e o Brasil em pesquisa e publicações a respeito das PICS, pode estar relacionado ao fato de serem países com grande quantidade de populações/culturas, que

consequentemente influenciam nas iniciativas de políticas públicas, pesquisa, aplicação, busca por prática de cuidados, assistência integral e holística à sua população^{25, 26, 27, 28}.

No que tange a população dos 26 textos, o enfermeiro, pôde se distinguir duas categorias, sendo o enfermeiro especialista, como por exemplo, em pediatria, cuidados intensivos, oncologia, parteiras de enfermagem, acupunturista, especialista em terapias integrativas, Terapias Naturais, Fitoterapia, Iridologia, Terapia Floral, entre outros^{13, 15, 16, 18, 19, 22, 29, 30, 31, 32, 33, 34}. E como segunda categorização, há a equipe de enfermagem que não possui formação específica com titulação em relação às PICS, entretanto, tem um conhecimento a respeito^{14, 17, 20, 21, 23, 24, 37, 38, 39, 40, 41, 42}.

DISCUSSÃO

PICS frequentes

A respeito das PICS mais utilizadas encontramos a milenar Medicina tradicional chinesa (76,92%), que engloba práticas corporais e mentais como lian gong, chi gong, tui-na, tai-chi-chuan, fitoterapia chinesa, moxabustão, acupuntura e suas derivações. Dentre estas, distribuídas em vinte estudos, os enfermeiros aplicavam acupressão, acupuntura, tai chi, laser acupuntura, Qi gon e fitoterapia chinesa.

Dentre os 26 estudos, o que aborda maior quantidade de MTC é o de COOKE (2012), citando acupressão (26,5%), acupuntura (25,8%), Tai chi (18,8%), MTC (16,5%) e Qi gon (8,7%), sendo a porcentagem apresentada a relação do conhecimento dos profissionais a respeito da prática¹⁵. Quanto à massoterapia, HASTINGS (2009) traz massagem, Shiatsu e rolagem, cada um representando respectivamente 96%, 24%, 7%, correspondentes a porcentagem de profissionais de enfermagem que utilizaram esses métodos no desempenho do seu cuidado³¹. Ademais, o uso de plantas medicinais é distribuída quase que de forma igualitária nos estudos, já que é uma prática difundida em todos os países.

No Brasil, em 1988, por meio da Resolução nº 5/88 da Comissão Interministerial de Planejamento e Coordenação (Ciplan), teve normas fixadas para atendimento nos serviços públicos de saúde. E em 2006, por meio da portaria nº 971, de 03 de maio, foi fortalecida a inserção da MTC-acupuntura em todos os níveis do sistema com ênfase na atenção básica. As diretrizes trouxeram incentivo à pesquisa, divulgação e informação dos conhecimentos básicos aos usuários, profissionais de saúde e gestores do SUS, além da garantia de financiamento para as ações da MTC/acupuntura⁴.

Dos cinco estudos nacionais encontrados, três apresentam conhecimentos em acupuntura, sendo eles PEREIRA (2015) que em sua experiência estuda laser acupuntura na atenção básica em tratamento complementar a diabetes tipo II com diminuição da glicemia pós prandial, peso, IMC e circunferência abdominal²². Assim como SILVA (2016), o qual faz uso do laser acupuntura, na prevenção e alívio de náuseas e vômitos em crianças e adolescentes em quimioterapia a nível hospitalar¹⁶.

Além do mais, no estudo de PEREIRA (2016) foram selecionados enfermeiros cadastrados na base de dados da Plataforma Lattes do CNPq, referencialmente com formação *stricto-sensu* em enfermagem (mestrado ou doutorado), formação *lato sensu* em acupuntura para estudar uma forma de adapta-la a 20 diagnósticos de enfermagem diferentes do NANDA (North American Nursing Diagnosis Association), taxonomia de padronização de diagnósticos. Isto nos leva a refletir que este investimento americano na produção científica está diretamente ligada e a quantidade de estudos americanos encontrados nesta revisão integrativa³².

Sobretudo, é notável na descrição dos estudos brasileiros encontrados, que ainda há pouca exploração das doze terapias (acupuntura, fitoterapia, homeopatia, ortomolecular, terapia Floral, reflexologia podal, reiki, yoga, toque terapêutico, musicoterapia, cromoterapia e hipnose) aprovadas e reconhecidas pelo COFEN (2018)⁸.

Conhecimento dos profissionais de enfermagem acerca das PICS

Não há dúvida de que é necessário conhecimento suficiente para o exercício de qualquer cuidado de enfermagem e isto é inerente ao profissional que deve se aprimorar constantemente. Sendo assim, oito dos estudos selecionados apresentam instrumento em forma de questionário que informam o nível de conhecimento dos profissionais de enfermagem. Logo, três destes, evidenciam conhecimento suficiente da população estudada^{29, 31, 35}.

Porém, dos 26 estudos, cinco autores evidenciam o conhecimento insuficiente dos profissionais de enfermagem^{13, 15, 17, 30, 37}. E relacionado a isto, os autores atribuem algumas limitações que culminam na falta ou menor aplicabilidade das práticas. Além de JONG (2015), todos os cinco autores mencionam a falta de conhecimento²¹.

Ainda, como limitação ao uso das práticas, salienta-se a relutância dos profissionais médicos, também é mencionado, o que pode ser modificado mediante empoderamento necessário ao profissional enfermeiro sobre seus conhecimentos e habilidades, juntamente com o apoio institucional^{15, 29, 30, 35}.

Ademais, foi observado por BUCHAN (2012) que os pacientes solicitam conselhos a equipe de enfermagem e muitos permanecem desinformados, pois, como GÓMEZ (2018), JONG (2015), demonstram, a maioria dos entrevistados ao serem questionados declaram não investigar o uso das PICS pelos pacientes, o que pode acarretar prejuízo devido as possíveis interações indesejáveis com a medicina alopática ocidental^{14, 21, 37}. Em contrapartida, HALL (2018), traz em seu estudo que 77,5% dos enfermeiros mesmo considerando seus conhecimentos insuficientes, ao menos discutem e investigam sobre a utilização de terapias alternativas pelo paciente¹⁷.

CONCLUSÕES

No percurso desta revisão em busca de identificar quais PICS que o enfermeiro tem utilizado no cuidado efetivamente, não podemos deixar de destacar o encontro de estudos qualitativos e quantitativos, nacionais e internacionais de avaliação do enfermeiro a respeito de seu conhecimento e atuação, em que foi demonstrado o enfermeiro atuando majoritariamente com MTC, massoterapia, plantas medicinais, imposição de mãos, suplementos alimentares e outros. Porém, com conhecimento incipiente, limitando a aplicabilidade de tais PICS.

Concernente aos estudos nacionais demonstra-se a timidez na exploração das 12 especialidades aprovadas pelo COFEN (2018), que tem amplo espaço a ser conquistado na PICS⁸. E para colaborar com isto, as escolas de enfermagem, os conselhos de enfermagem e as organizações de saúde podem oferecer atenção ao “educar”, informar e discutir as possibilidades de incorporar os desenvolvimentos legais conquistados pelas políticas Nacionais em direção da aplicabilidade das PICS, desde a atenção básica até ao nível hospitalar de alta complexidade.

Consequentemente, à colaboração e melhora da educação acadêmica, surgirá o ensejo da comunidade científica de desenvolver em maior quantidade principalmente nas revistas latino-americanas, estudos que esclareçam a eficácia e níveis de atenção em que pode ser desenvolvido as PICS.

Destarte, as PICS são formas inovadoras e alternativas de ação em saúde e de cuidados disponíveis ao usuário, cada vez mais difundidas no SUS. Elas possibilitam uma recuperação melhor em relação ao adoecimento, além de que proporciona o alívio de sintomas sejam, eles relacionados ao físico e/ou psicológico. Paralelamente, a autonomia do enfermeiro

vem sendo ampliada com respaldo do COFEN e comprovada, conforme estudos desta revisão que evidenciam parte dos enfermeiros utilizando as PICS. Porém, ainda há muito espaço a ser ocupado pela enfermagem, o qual cada vez mais deve apoderar-se de conhecimentos elementares, desenvolver estratégias, com o objetivo de orientar usuários, atendendo de forma integral e segura o indivíduo.

REFERÊNCIAS

1. OMS - Organização Mundial da Saúde. Estrategia de la OMS sobre medicina tradicional 2014-2023. OMS, 2013. Disponível em: <https://apps.who.int/iris/handle/10665/95008>. Acesso em: 08/11/2021.
2. Brasil. Ministério da Saúde. Gabinete do ministro. Portaria n 971, de 03 de maio de 2006. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 04 maio. 2006. Disponível em: <https://www.legisweb.com.br/legislacao/?id=198413>. Acesso em: 08/11/2021.
3. Melo, C., *et al.* Práticas complementares de saúde e os desafios de sua aplicabilidade no hospital: visão de enfermeiros. Revista Brasileira de Enfermagem. v. 66, n.6., p. 850-846 2013.
4. Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no SUS. Brasília, 2006. Disponível em: <https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/pnpic.pdf>. Acesso em: 08/11/2021.
5. Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Política nacional de práticas integrativas e complementares no SUS: atitude de ampliação de acesso. 2. ed. Brasília, 2015. Disponível em: https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_praticas_integrativas_complementares_2ed.pdf. Acesso em: 08/11/2021.

6. Brasil. *Ministério da saúde*. Ministério da saúde inclui 10 novas práticas integrativas no SUS. Saúde, mar, 2018. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/ministerio-da-saude-inclui-10-novas-praticas-integrativas-no-sus>. Acesso em: 08/11/2021.

7. Conselho Federal de Enfermagem. Resolução COFEN 197/1997. Rio de Janeiro, 1997. Disponível em: http://www.cofen.gov.br/resoluo-cofen-1971997_4253.html. Acesso em: 08/11/2021.

8. Conselho Federal de Enfermagem. Resolução COFEN 581/2018. Brasília, DF, 2018. Disponível em: http://www.cofen.gov.br/resolucao-cofen-no-581-2018_64383.html. Acesso em: 08/11/2021.

9. Mendes, K.D.S. *et al.* Uso de gerenciador de referências bibliográficas na seleção dos estudos primários em revisão integrativa. *Texto & Contexto Enfermagem*, v. 28, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tce/a/HZD4WwnbqL8t7YZpdWSjypj/?lang=pt>. Acesso em: 08/11/2021.

10. Soares, C. B., *et al.* Revisão integrativa: conceitos e métodos utilizados na enfermagem. *Rev Esc Enferm USP*, 48(2):335-45, 2014.

11. Cardoso, V., *et al.* Revisão sistemática de métodos Mistos: método de pesquisa para A incorporação de evidências na Enfermagem. *Texto & Contexto Enfermagem*, v. 28, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tce/a/cdtWcRPyyZVPqbsJkzwGRWP/abstract/?lang=pt&format=html>. Acesso em: 08/11/2021.

12. Moher, D, *et al.* Principais itens para relatar Revisões sistemáticas e Meta-análises: A recomendação PRISMA. *Epidemiologia e serviços de saúde*. Brasília, v.24, n.2, Abr-Jun, 2015. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/ress/a/TL99XM6YPx3Z4rxn5WmCNCf/?lang=pt>. Acesso em: 08/11/2021.

13. Balouch, A., *et al.* Knowledge, attitude and use of complementary and integrative health strategies: a preliminary survey of Iranian nurses. *J Integr Med.* v. 14, n. 2, p. 121- 127, Mar., 2016.
14. Buchan, S., *et al.* The use of complementary and alternative medicine by asthma patients. *British Journal of Nursing.* v. 21, n.11, p.672-674, Jun., 2012.
15. Cooke, M., *et al.* Complementary and alternative medicine and critical care nurses: a survey of knowledge and practices in Australia. *Aust Crit Care.* v. 25, n. 4, p.213-223, Nov., 2012.
16. Silva, C.V.; ESPÍRITO SANTO, F.H. Laser acupuncture performed by nurses to prevent or relieve nausea and vomiting in pediatric chemotherapy: clinical trial. *Journal of Nursing UFPE on line.* v.10, n.2. p.933-936, Fev., 2016.
17. Hall, H., *et al.* Nurses' attitudes and behaviour towards patients' use of complementary therapies: A mixed methods study. *J Adv Nurs.* v.74, n. 7, p.1649-1658, 2018.
18. Klafke, N. Developing and implementing a complex Complementary and Alternative (CAM) nursing intervention for breast and gynecologic cancer patients undergoing chemotherapy—report from the CONGO (complementary nursing in gynecologic oncology) study. *Support Care Cancer.* v.24, n.5, p.2341- 2350, Maio, 2016.
19. Nascimento, L. B. do, *et al.* Integrative and complementary therapy in nursing: therapeutic touch in intensive care unit. *Journal of Nursing.* v.6, n.1, p. 9-16, 2012.
20. Orkaby, B.; Greenberger, C. Israeli Nurses' Attitudes to the Holistic Approach to Health and Their Use of Complementary and Alternative Therapies. *J Holist Nurs.* v.33, n.1, p. 19-26, Mar., 2015.

21. Jong, M; Lundqvist V.; Jong, Miek C. A cross-sectional study on Swedish licensed nurses' use, practice, perception and knowledge about complementary and alternative medicine. *Scand J Caring Sci.* v.29, n.4, p. 642-650, Dez., 2015.
22. Pereira, C. D. Acupuntura no Tratamento Complementar da Diabetes Mellitus Tipo II: Intervenção Clínica Aplicada por Enfermeiros Acupunturistas. Dez.2015.93f. (mestrado em enfermagem). Escola de Enfermagem Anna Nery do Rio de Janeiro. Disponível em: <http://objdig.ufrj.br/51/teses/838387.pdf>. Acesso em: 08/11/2021.
23. Riet, P.V. D. *et al.* Complementary therapies in rehabilitation: nurses' narratives. Part 1. *J Clin Nurs.* v. 21, n. 5-6, p. 657-67, Mar., 2012.
24. Riet, P.V. D. *et al.* Complementary therapies in rehabilitation: nurses' narratives. Part 2. *J Clin Nurs.* v. 21, n. 5-6, p. 668-76, Mar., 2012.
25. Ferreira, C. F. *et al.* Organização Mundial da Saúde (OMS), Guia de Estudos. SINUS. 2014.
26. Crompton, C. D. *et al.* Avaliação de políticas públicas no Brasil e nos Estados Unidos: análise da pesquisa nos últimos 10 anos. *Rev. Adm. Pública - Rio de Janeiro* 50(6):981-1001, nov./dez. 2016.
27. Margo, H, A; KATSERE, J. Integrative Care: The Evolving Landscape in American Hospitals. *Am J Nurs.* v. 115, n. 10, p. 22-29, Oct.,2015.
28. Crumpton, C. D. *et al.* Avaliação de políticas públicas no Brasil e nos Estados Unidos: análise da pesquisa nos últimos 10 anos. *Rev. Adm. Pública - Rio de Janeiro* 50(6):981-1001, nov./dez. 2016.
29. Cutshal, S., *et al.* Knowledge, Attitudes, and Use of Complementary and Alternative Therapies Among Clinical Nurse Specialists in an Academic Medical Center. *Clin Nurse Specialist.* v.24, n.3, p. 125-3, Mai.-Jun., 2010.

30. Metin, Z. G., *et al.* Perspectives of Oncology Nurses on Complementary and Alternative Medicine in Turkey. *Holistic nursing practice*. v. 32, n.2, p.107-113, mar., 2018.
31. Hastings, T. M.; Terada, M. Complementary medicine use by nurse midwives in the U.S. *Complement Ther Clin Prac*. v.15, n.4, p. 212-219, Nov., 2009.
32. Pereira, R. D. de M.; Alvim, N.A. T. Acupuntura como tecnologia para intervenção aos diagnósticos de enfermagem. *Esc Anna Nery*. v.20, n.4, Out.-Dez., 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/viewFile/11115/12591>. Acesso: 08/11/2021.
33. Santos, L. F.; Cunha, A. Z. S. A utilização de práticas complementares por enfermeiros do rio grande do sul. *Revista de enfermagem da UFSM*. v.1, n.3, p. 369-376, Set- Dez, 2011.
34. Yue, S.; Jiang., Wong, T. Effects of a nurse-led acupressure programme for stroke patients in China. *J Clin Nurs*. v. 22, n. 7-8, p. 1182-1188, Abr.2013.
35. Geisler, C. Nurse practitioner knowledge, use, and referral of complementary/alternative therapies. *Journal of the American Association of Nurse Practitioners*. v.27, p. 380–388, 2015.
36. Caires, J. S. A utilização das terapias complementares nos cuidados paliativos: benefícios e finalidades. *Cogitare Enfermagem, Paraná*, v.19. n.3. p.514-20, Jul-Set., 2014.
37. Gómez, M. R., *et al.* Usos y actitudes del personal de enfermería acerca de las terapias alternativas en un hospital pediátrico. *Revista de enfermería del Instituto Mexicano del Seguro Social*. v.26, n.2, p.115-120, 2018.
38. Shorofi, S. A.; ARBON, P. Complementary and alternative medicine (CAM) among Australian hospital-based nurses: knowledge, attitude, personal and professional

use, reasons for use, CAM referrals, and socio-demographic predictors of CAM users.

Complement Ther Clin Pract. v.27, p. 37-45, Maio, 2017.

39. Shorofi, S.A.; ARBON, P. Nurses' knowledge, attitudes, and professional use of complementary and alternative medicine (CAM): A survey at five metropolitan hospitals in Adelaide. Complement Ther Clin Pract. v.16, n.4, p. 229-34, Nov., 2010.

40. Steefel, L. *et al.* Talking about CAMs for menopause. Nurse pract. v. 38, n. 8, p. 48-53, ago., 2013.

41. Toms, R. M. Reiki Therapy: A Nursing Intervention for Critical Care. Crit Care Nurs Q. v. 34, n. 3, p. 213-7, Jul.-Set., 2011.

42. Mackereth, P. Complementary therapists' training and cancer care: A multi-site study. Eur J Oncol Nurs. v.13, n. 5, p. 330-5, Dez., 2009.

43. Gavin, R. O. S. *et al.* Terapias alternativas complementares: uma visão do conhecimento dos acadêmicos de enfermagem. CiencCuidSaude, v. 9. n. 4. p. 760-765, 2010.